



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **POLÍTICA CULTURAL: RELAÇÕES ENTRE CULTURA E POLÍTICA NO MOVIMENTO NEGRO EM PORTO ALEGRE**

Kelly da Silva Moraes  
Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFGRS  
[kellysmoraes@gmail.com](mailto:kellysmoraes@gmail.com)

Com a emergência dos movimentos sociais negros e indígenas na América Latina, a resistência tem se convertido em um tema de estudo para a Antropologia e os Estudos Culturais. Nesses estudos, o papel da resistência adquire um significado mais amplo fazendo frente à importância de se investigar a política cultural (WADE, 2000). Atualmente, observa-se que assuntos como cultura e política tem sido bastante presentes nos estudos sobre os movimentos sociais contemporâneos.

As fronteiras entre cultura e política sempre foram fluídas nas ações desenvolvidas pelo movimento social negro. No Brasil, as estratégias de ação das diferentes organizações que compõem o movimento negro foram diversificadas ao longo do século XX. Entretanto, a questão cultural sempre esteve presente nas estratégias deste movimento em sua luta antirracista, seja para fins políticos ou em atividades com caráter estritamente culturais. O artigo é um exercício reflexivo que analisa as relações entre práticas políticas e culturais, buscando examinar como a conexão entre cultura e política vem sendo articulada no interior do movimento negro contemporâneo. O estudo tem uma abordagem etnográfica e focaliza duas organizações que se reconhecem como integrantes do Movimento Social Negro – o Movimento Negro Unificado/RS e a Organização não-Governamental (ONG) Africanamente Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação de Tradições Afrodescendentes. Ambas as entidades desenvolvem ações que objetivam o reconhecimento social da população negra em Porto Alegre, bem como promovem e divulgam a política cultural do movimento negro e sua luta antirracista.

A fim de atingir o objetivo proposto, o texto está organizado em três momentos. O primeiro discute a relação entre política e cultura no movimento negro nos anos 1980-2000, e as perspectivas de análise em que se apoia este trabalho. O segundo momento destaca o contexto local,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

reconstruindo brevemente a mobilização de organizações negras na cidade de Porto Alegre, enfatizando as entidades abordadas neste estudo. O terceiro momento, através da descrição etnográfica, expõe os dados sobre a articulação das políticas culturais do movimento negro em Porto Alegre a fim de analisar como o político se relaciona com a cultura negra considerando o contexto e as ações das organizações do movimento negro investigadas.

### **Cultura e Política nas práticas do Movimento Negro Contemporâneo**

A persistência política do movimento negro contemporâneo nas últimas décadas resultou no reconhecimento pelo Estado brasileiro da existência do racismo, da discriminação racial e dos consequentes prejuízos à população negra, advindos das desigualdades da estrutura injusta de distribuição de riqueza, prestígio e poder entre brancos e negros (GUIMARÃES, 2002). A reorganização do movimento negro contemporâneo emergiu no contexto de luta pela democracia contra o regime militar no Brasil e a constante denúncia do mito da democracia racial. A fundação do MNU (Movimento Negro Unificado) em finais dos anos 1970, no contexto de distensão do regime militar, inaugurou um novo período para as organizações do movimento negro.

Nos anos 1980, lideranças do movimento negro cindiam, por um lado, entre aquelas vinculadas às ideias da esquerda e da luta democrática que se organizava a partir de organizações socialistas e, de outro lado, estavam as lideranças sintonizadas com a resistência cultural, que se espalhavam nos meios negros mais pobres (GUIMARÃES, 2002). O que era presente nesta cisão, além da ênfase cultural ou política de suas práticas, era qual proposta de mudança social e estratégias de ações defendiam as organizações do movimento negro. O debate também refletia o contexto político e ideológico do período, bem como o que se entendia por cultura negra.

Para Cunha (2000), a politização do movimento social negro no período final da ditadura militar dava-se através das lutas que objetivavam a reorganização popular para conquista do poder e democracia. Essa luta se opunha às lógicas clientelistas baseadas nas trocas de favores e propunham organização e mobilização como formas de mudança social. Nessa ótica, as entidades entendidas como “assimilacionistas” (ou culturalistas, os grupos culturais, as escolas de samba, os clubes negros) “reificavam vínculos políticos calcados no personalismo ao desejarem integração e não



transformação”(CUNHA, 2000, p. 338).

O debate entre “politizados” e “culturalistas” (conforme definição de Cunha) foi bastante intenso ao longo dos anos 1980. A estratégia de mobilização e consciência em torno do que se chamava “cultura negra” ganhou um tom político. A adjetivação “negra” informava o sentido de resistência, traduzindo um projeto de transformações políticas e culturais. Assim, buscou-se articular ações em torno da “cultura negra” como estratégia de mobilização e conscientização das populações mais pobres e carentes, em sua maioria negros e mestiços. Segundo Cunha (2000, p. 350)

a construção em torno da “cultura negra” sofre reconfigurações na linguagem no sentido de viabilizar projetos políticos e de construção de identidade – tanto coletiva ou individuais – extremamente significativos e que permitiu a organização política de diferentes grupos. Essa reconfiguração foi importante pois possibilitou o desenvolvimento de grupos cujo objetivo era *conscientizar* jovens negros e mestiços através do lazer – sobretudo carnaval – e fortalecer os laços de uma ação política e cultural voltada para temática afro-brasileira.

As reconfigurações em torno da “cultura negra” aliadas ao contexto de garantia da democracia, ampliam as formas de organização e atuação do movimento social negro. A luta pela garantia da democracia formal, nos anos 1990, possibilitou que os movimentos sociais redefiniram o poder social ao disputar “os parâmetros da democracia e as fronteiras do que deve ser definido como arena política: seus participantes, instituições, agendas e campos de atuação” (ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000, p. 15).

No que concerne ao movimento negro, a redefinição do político e a articulação entre cidadania e esfera pública devem considerar a especificidade do contexto brasileiro no que se refere à diferença racial e étnica, pois as desigualdades sociais acumuladas historicamente mantiveram os modos de dominação na esfera pública burguesa (HANCHARD, 1996). No Brasil, a discriminação racial legou à população negra uma cidadania restrita e parcial “obtidas apenas como resultado de suas próprias lutas políticas que ultrapassam os limites do discurso liberal” (HANCHARD, 1996, p. 43). Dessa forma, a esfera pública burguesa ou o espaço político dominante não são as únicas áreas ou possibilidades para articulação cultural, pois “através da segregação e de outras formas de alienação racial, as esferas públicas alternativas operam dentro de uma esfera pública definida de maneira ampla” (HANCHARD, 1996, p. 43). Observa-se este fenômeno nas diferentes organizações do movimento negro que, enquanto grupos marginalizados, construíram esferas públicas próprias capazes de pensar e articular projetos que proporcionaram importantes avanços



para população negra.<sup>1</sup>

**Os direitos sociais da população negra foram conquistados através das lutas empreendida pelo movimento negro ao longo do tempo. A repressão e negação das formas do protesto negro pelo Estado brasileiro fizeram com que os ativistas tivessem “que revestir sua linguagem e práticas de formas indiretas, ambíguas e fragmentadas, sob o véu da prática cultural em consonância com as definições do Estado e da elite sobre o que constituía a cultura afro-brasileira” (HANCHARD, 2001, p. 125).**

As práticas culturais empreendidas pelo movimento negro devem ser entendidas dentro de um quadro que considere os aspectos políticos da construção cultural e suas relações dentro das estruturas de poder da sociedade. Diferentemente das práticas culturalistas que “funcionam como fins em si, e não como meios para se chegar a um conjunto mais abrangente e heterogêneo de atividades ético-políticas” (HANCHARD, 2001, p. 38). A análise das estratégias e das ações do movimento negro em sua luta antirracista insere-se na proposta de repensá-la como uma *contracultura* expressiva que não se limita a gêneros literários e expressões artísticas, mas tratá-la como “um discurso filosófico que rejeita a separação entre estética, cultura e política” (GILROY, 2001, p. 98).

A luta antirracista no Brasil é pensada sob as estruturas transnacionais criadas pela modernidade. O conceito de Atlântico Negro (GILROY, 2001) fornece uma reflexão analítica e política. Esta última possibilita subsidiar posturas “antirracistas e anti-essencialistas, repensando os conceitos de raça e etnicidade no quadro dos estudos pós-coloniais” (LAURA, 2009, p. 13). Neste sentido, o antirracismo no Brasil:

**deve significar, antes de tudo, a admissão de sua “raça”. Do ponto de vista do movimento é valorizada “raça”, isto é, a percepção racializada de si mesmo e do outro. Trata-se de uma reconstrução da negritude a partir da rica herança africana – a cultura afro-brasileira das religiões de matriz africana, da capoeira, etc. – mas também da apropriação do legado cultural e político do “Atlântico Negro”, isto é, do Movimento**

---

<sup>1</sup> No estudo de Guimarães (2002), é citada uma pequena lista de reivindicações do movimento negro garantidas através de leis estatais e ações governamentais pontuais relativas a questão racial. Telles(2003), no capítulo 3 do seu livro “Racismo à brasileira”, analisa as articulações e o diálogo do Movimento negro junto ao Estado na proposição de políticas públicas para população negra. Concomitante a essa articulação junto ao Estado há ainda as ações das diferentes ONG que desenvolvem projetos mais pontuais voltados à população negra (CRUZ, *et. alli*, 2008; LIRA, 2006).



pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, da renascença cultural caribenha, da luta contra o apartheid na África do Sul, etc” (GUIMARÃES, 1999, p. 58 grifos meus).

Mesmo com expressões políticas diferenciadas, o movimento negro engaja-se cada vez mais atuando em diferentes frentes e ações que buscam efetivar as políticas públicas vinculadas ao combate contra o racismo e à valorização da história afro-brasileira no país. O papel que cada organização assumiu (seja ONG ou entidade de base filiativa nacional) correspondeu a suas capacidades de atuar e penetrar em determinados espaços de negociação (CRUZ *et alli*, 2008). Ao mesmo tempo, possibilitou ampliar o campo de atuação do movimento negro, obtendo avanços importantes para população negra<sup>2</sup>. Assim, o movimento negro contemporâneo não deve ser entendido como fragmentado ou dividido. A segmentaridade plural que existe no movimento consiste na “conversão de multiplicidade em segmentos, ou seja, em unidades simultaneamente divisíveis e unificáveis” (GOLDMAN, 2001, p. 85).

Mediante o contexto de discussão e perspectivas na qual se apoia esta análise, cabe ainda ressaltar que o significado do político neste trabalho não se vincula à cultura política dominante, ou seja, a construção social em nossa sociedade do que conta como político (ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000). A leitura ou significado do político segue àquele formulado pelo movimento social. Assim, as análises do comportamento político seguem a perspectiva apontada pelos estudos da Antropologia no qual o comportamento político é visto como integrante da vida social (PALMEIRA, GOLDMAN, 1996).

### **Política e cultura na organização do movimento negro em Porto Alegre**

Em Porto Alegre, os clubes negros e entidades recreativas, atuantes desde finais do século XIX, formaram importantes espaços de sociabilidade negra e comprovam a existência de ampla redes de relações sociais no espaço urbano (BITTENCOURT, 2005). Na década de 1970, houve a emergência de grupos culturais influenciados pelos movimentos de reivindicação e protestos negros na África e nos EUA. Um dos mais importantes e reconhecidos, deste período, foi o Grupo Cultural Palmares fundado pelo poeta e professor Oliveira Silveira<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Um exemplo destes avanços reside nas políticas públicas de saúde voltadas para as mulheres negras, como demonstrado no estudo de Cruz *et alli* (2008), que mapeou ONGs da região sul do país que atuam na área da saúde.

<sup>3</sup> Oliveira Silveira foi um ativista do movimento negro, poeta e professor, um dos idealizadores do



Este grupo foi responsável pela pesquisa e proposição da data de 20 de novembro como dia de referência para luta dos negros no Brasil, que em 1978 ganha a denominação de *Dia Nacional da Consciência Negra* (GARCIA, 2006). As reuniões, pesquisas e discussões promovidas pelo Grupo Palmares foram importantes na reelaboração de novos elementos simbólicos que criaram outras referências para a identidade negra. Através da proposta de revisão histórica, seu trabalho desvelou as tradições de resistência negra e a influência vinda da diáspora negra (CAMPOS, 2008). O grupo manteve atividades até 1986, quando os ativistas passaram a integrar o Movimento Negro Unificado.

Alguns grupos culturais da década de 1970 foram formados a partir de encontros que ocorriam entre jovens negros em locais no centro da cidade. Alguns destes locais até hoje são pontos de encontro e referência para jovens negros(as) e segmentos do movimento negro<sup>4</sup>. Esses encontros serviam para troca de informações sobre festas, reuniões e atividades em sua maioria vinculada a temática étnico-racial. Em uma entrevista com o senhor Ubirajara Toledo<sup>5</sup> - ativista do MNU/RS na década de 1980/90, um dos fundadores, em 2001, do Instituto de Assessoria a Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ)<sup>6</sup> - sobre o início de sua militância, ele destacou que:

o grupo Cultural Razão Negra era uma proposta para se discutir e se arregimentar a partir de atividades culturais, de festas, e também discutir as questões raciais. Então a minha militância, efetivamente a minha experiência, ela se dá a partir do grupo cultural Razão Negra. Eu

---

20 de novembro como dia de referência para a luta negra no Brasil. Como poeta, escritor e ativista foi um dos defensores e divulgadores da identidade afro-gaúcha e afro-brasileira, em um momento em que as lutas negras inspiravam-se nas ideias da diáspora negra. Faleceu no ano de 2009.

<sup>4</sup> Para citar alguns exemplos de locais no centro da cidade: Esquina do Zaire, ocupada por integrantes do Movimento Negro, adolescentes e grupos carnavalescos negros, antigos bares das ruas Riachuelo, Andrades Neves e José Montaury, frequentados por sambistas e pagodeiros; Rua dos Andradas, Galeria Chaves e Shopping Rua da Praia frequentados por jovens rappers, Djs, MCs, dançarinos; e o Mercado Público referência para religiosidade de matriz africana na cidade. (BITTENCOURT, 2005)

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 18maio2011.

<sup>6</sup> O IACOREQ surge de um grupo de militantes do MNU/RS, que assinaram a tese “Raça e Território”, com o objetivo de contribuir com as lutas rurais das comunidades quilombolas, com o intuito de que elas ecoassem nas agendas políticas estaduais e nacionais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

conclui o Ensino Médio sempre em contato, participando daqueles pontos de encontro naquela época de estudante negro, nos encontros sexta-feira na Rua da Praia e ali encontrando uma parte da comunidade negra, jovens, uma forma de encontro e também de saber o que acontecia na cidade, então tive essa convivência de na sexta-feira como se fosse um ponto, e era de fato um ponto de encontro, vários negros que conversavam e trocavam suas experiências.

Nos anos 1980, eram intensas as atividades de organizações e ativistas que propunham o combate e enfrentamento do racismo. Os Agentes da Pastoral Negros – APNs, denunciavam, junto aos teólogos negros da libertação, o racismo na Igreja Católica e também propunham campanhas de alfabetização no Rio Grande do Sul, desenvolvendo importantes ações motivando o ensino de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares (LOPEZ, 2009). O Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE, criado em 1987, emergiu no contexto de articulação dos movimentos negros na cidade. Conforme destaca Lira (2006), esse grupo assumiu o “discurso político-cultural que vincula a superação do racismo mediante o fortalecimento da identidade cultural negra e que vê na organização cultural comunitária negra a base do possível exercício de sua cidadania e de sua insurgência como sujeito político coletivo” (p.23). Em meio ao contexto de mobilização de organizações negras e Porto Alegre, houve também a organização do Movimento Negro Unificado no estado.

O Movimento Negro Unificado (MNU) é um grupo de base filiativa nacional, fundado em 1978 na cidade de São Paulo. Atualmente está organizado em mais de 13 estados do país, entre eles o Rio Grande do Sul. Sua sede na capital foi fundada na década de 1980 quando era intenso o debate sobre as estratégias de ação do movimento negro. Entre suas contribuições à luta antirracista destacam-se a denúncia do “mito da democracia racial”, a busca pela emancipação política, econômica e cultural do negro e sua mobilização junto ao Estado na proposição de políticas públicas voltadas para a população negra.

Araujo (2004, p. 47) destaca que “o viés político implementado pelo Movimento Negro Unificado foi tão forte e marcante que os partidos políticos aderiram ao tema racial para obterem apoio eleitoral dos negros”. A aproximação dos ativistas do MNU com os partidos políticos, principalmente o Partido dos Trabalhadores, foi bastante intensa, sobretudo nos anos 1980, período



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

no qual o surgimento desse partido representou “uma novidade no sistema partidário brasileiro porque rompeu com os padrões do modelo político até então vigentes” (ARAÚJO, 2004, p. 6). A aproximação com partidos de esquerda, em busca de poder político, aliado às teorias marxistas fez com que a díade raça *versus* classe fosse prioridade no debate do movimento, causando tensões entre os ativistas.

Em 1991, no Congresso Nacional do Movimento Negro Unificado houve a discussão de duas teses nas quais os ativistas se posicionavam: a tese raça e classe e a tese raça e território. A primeira defendia a luta dos negros vinculada à questão social e de transformação social, esta perspectiva demandava que se ocupasse espaços de decisão e poder na sociedade brasileira para interferir no projeto de nação. A segunda, raça e território, “formulava uma correspondência entre identidade étnica, poder negro e territorialidade, com um projeto político do movimento negro que questionava a territorialização da nação” (LOPEZ, 2009, p. 146).

Nos anos 1990, em Porto Alegre, o MNU retraiu-se, não desenvolvendo atividades enquanto organização. Alguns ativistas e estudiosos acreditam que a retração dessa organização deveu-se a diferentes fatores, entre eles: o ingresso das lideranças dessa organização junto aos quadros de partidos políticos (em especial o Partido dos Trabalhadores) e quadros administrativos do setor público. Outro fato destacado por ativistas foi o resultado do Congresso de 1991, que acabou tensionando a posição ideológica entre os ativistas. A decisão da organização após o Congresso foi que se atuasse em cargos públicos e assessoria junto aos partidos políticos, ou seja, a estratégia de ação política residia na disputa por espaços de poder, sobretudo em cargos públicos e eletivos. Alguns ativistas, defensores da tese raça e território, eram de Porto Alegre e, ao retornarem à cidade após o Congresso, afastaram-se do MNU/RS atuando em outras frentes, como educação, formação profissional (formação acadêmica) e atuando em projetos e assessorias na temática étnicorracial.

Nos anos 2000, o MNU/RS se rearticula em um contexto de multiplicidade de movimentos negros de base cultural. Neste período, entra em debate no MNU a constituição de espaços sociais negros e de sociabilidade em torno de práticas culturais afro-brasileiras, exaltando sentimentos de



pertencimento étnico não contemplados pelo conceito de classe (LOPEZ, 2009). Desse modo, o MNU passou a incorporar temáticas vinculadas à cultura em suas pautas.

A ONG *Africanamente – Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação de Tradições Afrodescendentes* foi fundada em 2001, em um contexto no qual os movimentos sociais rearticulavam novas formas de se fazer e pensar a cultura política (ALVAREZ et al., 2000). A ONG tem por objetivo “pesquisar, preservar e divulgar os valores éticos, estéticos, cosmológicos e filosóficos contidos nas manifestações culturais afrodescendentes, como instrumentos positivos de educação étnico-social”<sup>7</sup>. Atualmente há dois projetos vinculados à ONG: o projeto “Ori Inu Erê”, voltado para crianças e adolescentes; e o projeto “Africanamente Escola de Capoeira Angola”, voltado para jovens e adultos. Ambos os projetos focam na construção positiva da identidade negra através da valorização das práticas culturais da população negra.

O projeto Ori Inu Erê é um projeto de educação étnicorracial, no qual participam crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. O projeto ocorre semanalmente, coma a realização de atividades educativo-culturais aos sábados à tarde na comunidade Tradicional de Terreiro Axé Iyemonjá Omi Olodô<sup>8</sup>. Entre seus objetivos destaca-se

promover a cidadania e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social através da reconstrução positiva de sua identidade afrodescendente e estimular o protagonismo juvenil da comunidade, agregando valores à sua vida pessoal e futuramente profissional.  
Construir um modelo alternativo de educação étnico-social, fundamentado nos conhecimentos e valores éticos, estéticos, cosmológicos e filosóficos originários nas culturas de matriz africana.<sup>9</sup>

A Africanamente escola de Capoeira Angola, tem como missão

promover vivências de Capoeira Angola enquanto resistência individual e coletiva a toda forma de opressão, através de ações que estimulem a pesquisa, a preservação e a socialização dos valores afro desta arte ancestral como via de reflexão e aprendizagem para

---

<sup>7</sup> Texto retirado de material impresso (folder) da escola Africanamente Escola de Capoeira Angola.

<sup>8</sup> O Terreiro foi um importante espaço articulador do projeto. Entre seus fundadores também está o Babalorixá do Terreiro.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.projetooriinuere.blogspot.com/> Acessado em 28 de maio de 2011.



a transformação humana e cultural<sup>10</sup>.

As vivências realizadas pela escola através da capoeira envolvem uma “filosofia política que é também uma cosmopolítica agentiva, na medida em que coloca em jogo propriedades cosmológicas afro-brasileiras constitutivas do mundo a partir da (e com a) Capoeira Angola” (POGLIA, 2010, p.80).

A ONG Africanamente foi criada em 2001. Ela surgiu de uma preocupação que convergia com o que se discutia no movimento negro em finais dos anos 1980, indo ao encontro, em parte, do que estava proposto na tese raça e território do MNU: que procurava conciliar estratégias macro, desenvolvidas pelo movimento negro, com a resistência micro-políticas desenvolvidas no cotidiano nos espaços de territorialidade negra. Para os fundadores do Africanamente, era preciso trazer toda a discussão e ressignificação da identidade negra para locais onde estava a maioria da população negra da cidade, desvelando e desnaturalizando o racismo vivido cotidianamente por essa população. Os anos 1990 foi de intensa organização da sociedade civil por meio das ONGs, além do ativismo político, tal organização permitiu que se buscassem recursos para efetivar projetos e ações das organizações negras. Conforme relatou em entrevista, o senhor Mário Augusto (Guto), contra-mestre da escola de capoeira angola, um dos fundadores da Africanamente

[...] eu conheci o pessoal da atividade, eu ficava ligado em tudo que era da história negra aí eu ia lá, aí comecei a conhecer [...] eu participei da universidade livre que foi bem bacana, foi fundamental nesse processo de ser um ativista e tal, que foi um projeto do CECUNE, e, em 2001 a gente percebeu que pra gente fazer mais ações, podermos elaborar projetos pensar atividades mais concretas era legal ter uma pessoa jurídica, ter uma personalidade jurídica. Sabe não ser só um grupo de pessoas que estavam organizadamente reunidas, mas ter um aspecto legal assim. [...] aí a gente criou o Africanamente Centro de pesquisa, resgate e preservação de tradições afrodescendentes em 2001. A gente vai criar o Africanamente vai ser uma organização do movimento social negro, mas tendo a cultura como um instrumento de aproximação e reflexão. A cultura por quê? Porque a gente entende que a cultura, as culturas de matriz africana são instrumentos de reflexão por natureza, de resistência por natureza, de transformação social.  
[...] Então neste sentido que a gente pensou o Africanamente vai ter um discurso político, mas vai ter que ter ação através da cultura.<sup>11</sup>

A ONG Africanamente surgiu em Porto Alegre, em um momento de multiplicidade de

<sup>10</sup> Texto retirado de material impresso (folder) da escola Africanamente Escola de Capoeira Angola. Também disponível em <http://www.africanamenteescoladecapoeiraangola.blogspot.com/> Acessado em 28 de maio de 2011.

<sup>11</sup> Entrevista realizada em 28/04/2011 na sede da Africanamente Escola de capoeira Angola.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

organizações de base cultural, no entanto, a organização se identifica como seguidora da luta empreendida pelo movimento negro no país e, em especial, na cidade, pois se coloca como mais uma organização atuante na resistência empreendida pelo Movimento Social Negro. Através das práticas culturais e educativas, atuam na denúncia do racismo, na preservação e visibilidade das culturas negra na cidade.

O Movimento Negro Unificado e a ONG Africanamente são grupos com histórias e trajetórias distintas dentro do movimento negro em Porto Alegre. Um ponto relevante a mostrar aqui é como suas diferentes trajetórias constituíram importantes espaços para que se possa compreender a dimensão política das práticas culturais, bem como o que os movimentos estão definindo enquanto prática político-cultural.

### **I SECON<sup>12</sup> do Quilombo da Família Silva: articulando práticas políticas e culturais**

Nesta seção, expõem-se os dados da pesquisa etnográfica sobre a articulação das políticas culturais do movimento negro em Porto Alegre a fim de analisar como o político se relaciona com a cultura negra.

Durante o mês de novembro, em virtude das comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra, há diversas atividades organizadas pelas entidades do movimento negro em Porto Alegre; essas, em sua maioria, são designadas de SECON – Semana da Consciência Negra. Elas contam com as mais diversificadas propostas de trabalhos, como seminários, palestras, mesas-redondas, rodas de bate-papo, oficinas e apresentações artísticas sobre a temática étnicorracial.

Em 2010 foi realizada a I Semana da Consciência Negra do Quilombo da Família Silva, organizada pelos quilombolas da Família Silva em parceria com outras organizações do movimento social e negro. A programação foi do dia 18 a 27 de novembro de 2010 e contou com as seguintes atividades: reuniões com gestores municipais, intervenções artísticas em locais de expressão da cultura negra na cidade e seminários. No último dia da programação, ocorreu o Seminário intitulado

---

<sup>12</sup> **Semana da Consciência Negra.**



“Lei 10639<sup>13</sup> e a perspectiva para a educação e a educação quilombola”. Após o evento a programação seguiu com Roda de Capoeira Angola e Samba de Roda e à noite houve festa de encerramento do evento.

A participação dos quilombolas no evento, inclusive com muitas atividades realizadas no território do Quilombo, aponta para um das pautas de luta do movimento negro na cidade que é a garantia da titulação dos territórios quilombolas no Estado e, em particular, a regularização do Quilombo da Família Silva, que frequentemente tem sido alvo do racismo<sup>14</sup>.

O Seminário de encerramento reuniu cerca de 60 pessoas no Quilombo e contou com participantes de diferentes áreas do movimento social. Estavam presentes integrantes do movimento negro, representados pelo MNU e Africanamente Escola de Capoeira Angola, estudantes secundaristas e universitários, integrantes de movimentos sindicalistas, movimento estudantil e coletivos populares<sup>15</sup>. Os participantes do evento eram diversificados, no que se refere tanto aos locais de fala (diferentes organizações que participavam) quanto a idade, gênero e raça. Para alguns

---

<sup>13</sup> A Lei 10639 de 2003 exige “a inclusão da temática de História da África e cultura afro-brasileira” no currículo oficial dos estabelecimentos de Educação Básica de ensino, das redes pública e privada. A lei foi alterada em 2008, passando a incluir também a história e a cultura indígena. Apesar dos sete anos de vigência da Lei no ensino escolar ainda é bastante tímida e limitada a algumas áreas do conhecimento como História e Literaturas.

<sup>14</sup> Além das inúmeras ofertas para a compra da área do Quilombo feita por empresários, no dia 25/08/10 policiais da Brigada Militar abordaram moradores e entraram no quilombo revistando as casas sem nenhum mandato judicial. O caso foi denunciado ao Ministério Público Estadual, à Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa e ao Comitê de Combate à Tortura. Foram registradas ocorrências policiais e o caso gerou intensa mobilização do movimento negro na cidade contra o racismo institucional e os demais atos de discriminação. A imprensa jornalística de grande circulação (TV e jornais locais) não cobriu as denúncias dos moradores do quilombo nem divulgou o fato. Notícias sobre o abuso dos policiais circulou em mídia independente e blogs dos diferentes coletivos e movimento sociais. A denúncia de racismo ainda tramita, mas um dos moradores levados preso responde a processo por desacato à autoridade, pois segundo os policiais este teria sido o motivo da prisão. Disponível nos sites: <http://monitoresantropologia.blogspot.com/2010/09/quilombo-familia-silva-porto-alegre.html>, <http://quilombofamiliasilva.blogspot.com/2010/09/videos-que-mostrar-repressao-policial.html>, <http://coletivocatarse.blogspot.com/2010/08/moradores-do-quilombo-dos-silva-afirmam.html> Acessado em 10 de fevereiro de 2011.

<sup>15</sup> Um destes coletivos é a Casa de Resistência Cultural, que se define como “um coletivo de educadores que busca através da educação, arte e comunicação popular formas de resistir e intervir no mundo”. Disponível em <http://casaderesistenciacultural.blogspot.com/> acessado em 06 de fevereiro de 2011. Este coletivo foi um dos grupos parceiros e organizadores da Secon junto à Família Silva.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

militantes isso demonstra um avanço do movimento que tem conseguido expandir a luta antirracista para outros setores e movimentos sociais, já que o enfrentamento da questão racial não diz respeito exclusivamente aos negros. Em uma conversa com um militante do MNU durante o evento, ele afirmou que “é necessário a aproximação com novos grupos para ampliar a discussão para a efetiva implementação das diversas ações afirmativas, inclusive a titulação quilombola”.

Havia sete convidados que debateriam sobre o tema: uma doutoranda em educação, que é também militante do movimento negro e sindical, uma estudante da UFRGS que ingressou pelas ações afirmativas no ano de 2010, um professor de história da rede municipal de ensino, o contra-mestre Guto do Africanamente e três educadores populares e militantes de movimentos sociais – um do movimento negro que atua na Restinga e outras duas professoras que atuam com educação no campo. O seminário teve início com a leitura de um texto que problematizava a questão educacional no Brasil, em seguida foi passada a palavra aos convidados. A primeira a falar foi a militante do Movimento Negro (MNU) e sindical que iniciou sua intervenção dizendo “essa atividade da Secon surgiu através da solicitação do pessoal da cultura”<sup>16</sup>. Sua fala foi bastante enfática ao apresentar a lei como uma das propostas do movimento social negro como instrumento da luta antirracista.

As intervenções dos demais convidados seguiram uma linha propositiva de inclusão da temática da diversidade étnicorracial na educação escolar, através dos relatos das experiências enquanto educadores e estudantes. Uma linha comum entre as intervenções foi a educação como um dos instrumentos contra as formas de discriminações existentes na sociedade, sobretudo a racial. Para o contra-mestre de capoeira “as atividades de cultura devem ser puxadas para educação e toda prática é cultural, através da cultura pode-se criar hábitos e práticas que transformam as pessoas”. Quando o contra-mestre iniciou sua fala agradeceu o convite e destacou a importância de participar de um evento daquele tipo que se propõem a discutir um tema tão importante, como a inclusão da temática afro-brasileira nos currículos escolares. Enfatizou que a participação da escola se daria durante toda a programação do dia, pois entendia a importância da discussão para a prática da capoeira. Disse ainda que seu grupo não participa de eventos que os convidam somente para

---

<sup>16</sup> Dado de pesquisa registrado em diário de campo realizado dia 27/11/10.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

abertura ou encerramento de encontros, pois as práticas que desenvolvem na escola não se limitam a apresentações artísticas, mas sim através da capoeira procuram criar práticas e hábitos que valorizam a diversidade étnicorracial.

Após o seminário, como previsto na programação, teve a Roda de Capoeira Angola e o Samba de Roda, prática cultural que mistura dança, música e poesia, no qual estão presentes vários elementos da capoeira. À noite, a festa de encerramento foi ao som de muito samba e black soul.

O evento realizado no quilombo oferece elementos para pensar como ocorre na prática a articulação entre o cultural e o político no movimento negro. Apesar das fronteiras entre política e cultura serem fluidas no movimento negro, alguns ativistas e organizações se definem enquanto entidades políticas ou culturais, como foi dito pela ativista do MNU quando se referiu à iniciativa para realização do evento. A proposta “do pessoal da cultura” para a Secon teve importantes elementos que parecem ir além de uma apresentação com fim estético. A programação toda gerou diferentes momentos, contando com reflexão, construção e celebração da cultura negra, como o último dia da programação que reuniu todos os elementos da Semana em um espaço de territorialidade negra, o Quilombo da Família Silva. O quilombo é o símbolo de resistência negra onde o Movimento Negro foi buscar a sua base de legitimidade e inspiração para travar a sua luta antirracista (CARDOSO, 2001).

O local de realização do evento, a composição da mesa para o debate sobre a implementação da lei 10639/03 demonstram a dimensão política dada a temática. Após o debate, a realização da Roda de Capoeira Angola enfatizou a presença da cultura nas práticas do movimento negro. Neste sentido, as fronteiras entre o político e o cultural tornam-se bastante fluídas nas ações empreendidas pelo movimento negro em Porto Alegre e os movimentos culturais encarnam uma politização da cultura – uma política cultural (GRUESO, ROSERO, ESCOBAR, 2000) que tem efeitos visíveis na cultura política do movimento negro local.

### **Considerações finais**



A realização da I Secon do Quilombo da família Silva e as falas de integrantes do movimento negro em Porto Alegre, expressam a discussão presente sobre a relação entre política e cultura nos movimentos sociais. Atualmente, os movimentos sociais latino-americanos colocam em prática uma política cultural “com significados e práticas que podem ser a fonte de processos que devem ser aceitos como políticos” (ALVAREZ, et al., 2000, p. 25). Nesta perspectiva a cultura é entendida como

concepção de mundo, como conjunto de significados que integram práticas sociais, não podendo ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas. [...] A compreensão da configuração dessas relações de poder não é possível sem o reconhecimento de seu caráter “cultural” ativo, na medida em que expressam, produzem e comunicam significados (ALVAREZ, et al., 2000, p.17).

Afirmar que a cultura foi um dos espaços encontrados pelo movimento negro para resistir ao racismo e a condição sub-humana que este pensamento lhe impele depende de abordagens que considerem os processos que se ligam à cultura, saindo de leituras estáticas e homogêneas sobre o tema (SAHLINS, 2001). Desse modo, considerar a relação entre cultura e história é fundamental para compreender como a cultura assume um caráter político nas ações do movimento negro. De acordo com Gilroy (2001, p. 129)

[...] a arte se tornou a espinha dorsal das culturas políticas dos escravos e de sua história cultural. Ela continua a ser o meio pelo qual os militantes culturais ainda hoje se engajam em “resgatar críticas” do presente tanto pela mobilização de recordações do passado como pela intervenção de um estado passado imaginário que possa alimentar suas esperanças utópicas.

As práticas culturais promovidas pelo movimento negro e pelos setores comprometidos com a luta antirracista funcionam como meios políticos quando buscam problematizar realidades sociais concretas, como por exemplo a persistência do racismo. A aproximação de atividades com dimensões políticas e culturais entre as organizações do movimento negro tem possibilitado novas formas de se fazer e pensar as práticas do movimento negro.

Percebe-se que há muitas sutilezas nas relações entre política e cultura nas diferentes organizações do movimento negro em Porto Alegre. Estudiosos e ativistas apontam para uma grande conexão entre política e cultura. A maioria da literatura sobre o tema enfatiza que a produção e a prática cultural servem a um fim político, que é entendido como uma intervenção junto ao Estado para a promoção de políticas públicas e não como ações ou práticas desenvolvidas no interior das organizações. Há no interior das organizações significados e entendimentos



diferenciados no que se refere a práticas políticas e culturais. Para os movimentos **com histórico vinculado à trajetória política, a cultura tem sido incorporada como meio para atingir finalidades políticas, como a reorganização do movimento e o engajamento de demais segmentos as suas bandeiras de luta. Por outro lado, movimentos reconhecidos como culturais têm enfatizado dimensões políticas nas suas práticas como forma de intervenção e transformação sócio-cultural, como as diferentes atividades realizadas pela escola Africanamente e sua participação em discussões sobre a temática racial.**

Neste sentido, é necessário análises que busquem compreender como as articulações entre cultura e política vêm ocorrendo no interior dos movimentos negros, observando como as organizações vêm reconstruindo suas formas de fazer política. **A segmentaridade existente no movimento negro permite que em momentos pontuais e sob a bandeira da luta antirracista os diferentes segmentos unam-se em uma mesma ação coletiva, como no caso da realização da I Secun no Quilombo da Família Silva.**

Assim este trabalho é resultado de um primeiro esforço para examinar de que forma o movimento negro vem construindo suas ações articulando as relações entre política e cultura. Também é preciso aprofundar as mudanças que os movimentos de base cultural têm provocado nas formas de fazer política no interior do movimento negro em Porto Alegre.

## REFERÊNCIAS:

ALVAREZ, Sonia E. DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. O cultural e o Político nos movimentos Sociais Latinos Americanos. In: ALVAREZ, Sonia E. DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs) **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 16-58.

ARAÚJO, Airton Fernandes. **Participação política e o poder dos negros no Partido dos Trabalhadores**. 2001, 183f. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciência Política/UFRGS. Porto Alegre, 2004.

BITTENCOURT JR, Iosvaldyr Carvalho. Territórios Negros. In: SANTOS, Irene (Org). **Negro em preto e branco: História fotográfica da população negra de Porto Alegre**. Porto Alegre: Fumproart/Secretaria Municipal de Cultura, 2005, p.36-41.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. A resignificação de Palmares: uma história de resistência.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antonio; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs). **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 231-245.

CARDOSO, Marcos Antonio. **O Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978 – 1998**. 2001, 227f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais: 2001.

CRUZ, Simone; et al. **Saúde da população negra como ação afirmativas: estratégias de enfrentamento do HIV/AIDS na perspectiva de entidade do movimento negro na região sul do Brasil**. Porto Alegre: Metrópole, 2008

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Depois da Festa. Movimentos Negros e Políticas de Identidade no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia E. DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 334-380.

GARCIA, Januário (Org). **25 anos 1980-2005: Movimento negro no Brasil**. 1 ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GOLDMAN, Marcio. Segmentaridades e Movimentos Negros nas Eleições de Ilhéus. **Mana**: Rio de Janeiro, v. 7, n.2. Out/2001, p.57-93

\_\_\_\_\_. Como funciona a democracia. Uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GRUESO, Libia; ROSERO, Carlos; ESCOBAR, Arturo. O processo de organização da Comunidade Negra na Costa Meridional do Pacífico da Colômbia. In: ALVAREZ, Sonia E. DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 301-332

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de apoio a Universidade de São Paulo, ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de apoio a Universidade de São Paulo, Ed. 34, 2002.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. **O Centro Ecumênico de Cultura Negra (Cecune) e suas ações educativas.** 2006, 108f. Dissertação de mestrado, Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006. Disponível em: [www.centroestudosanglicanos.com.br/.../dissertacao\\_mestrado\\_lilian.pdf](http://www.centroestudosanglicanos.com.br/.../dissertacao_mestrado_lilian.pdf) Acesso em 27maio11.

LOPEZ, Laura Cecilia. **“Que América Latina se sincere”:** uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Sul. 2009, 382f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS, Porto Alegre, 2009.

POGLIA , Marco Antonio Saretta. **Mandinga, malícia e manha:** Por uma cosmopolítica angoleira. 2010. 88f. Trabalho de Conclusão (TCC de Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SAHLINS, M. "Dos o tres cosas que sé acerca del concepto de cultura". In: **Revista Colombiana de Antropologia.** Vol 37, enero-diciembre 2001. (pp. 290-327).

WADE, Peter. **Raza y etnicidad en Latino américa.** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.